

1 Timóteo 4:10

Gordon Haddon Clark

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto / felipe@monergismo.com

“Ora, é para esse [fim] que labutamos e sofremos censura, pois temos posto a nossa esperança no Deus vivo, que é o Salvador de todos os homens, especialmente dos crentes”.¹

Ao invés de “sofremos censura”, as edições modernas críticas trazem “agonizamos”. Em seu *Comentário Textual*, Bruce Metzger reconhece que a decisão é difícil. Ele pensa que *agonizar* tem o melhor apoio textual e também se ajusta melhor ao contexto. *Agonizar* poderia ser suspeito de ser uma leve insinuação de jovens atléticos e olímpicos, enquanto nada nos poucos versículos precedentes sugere que Paulo sofreu censura. Mas a partir desta leitura, *agonizar* pode ganhar somente o apoio mais pobre. Nem pode ser confiantemente mantido que ele tem o melhor apoio textual. Meyer confiantemente argumenta a favor de “sofremos censura”. Embora um editor deva imprimir algo – ele não pode deixar buracos em seu texto – a decisão é determinada pelo cara ou coroa.

Paulo labuta e agoniza porque ele espera no Deus vivo. O subjetivismo dominante entre os evangélicos contemporâneos recebe apoio a partir do fato inegável de que crer e esperar são atos mentais subjetivos. Mas um cristão inteligente deve reconhecer a ênfase objetiva no Novo Testamento. Não importa quão viva, quão sincera ou quão emotiva uma esperança possa ser, seu valor e eficácia dependem do objeto desta esperança. Aqui Paulo coloca sua esperança no Deus vivo. Eu suponho que esperança não era uma parte proeminente da religião grega pagã; mas tivesse ela sido, ela estaria posta no lugar errado. A esperança subjetiva de que Zeus ajudaria seria vã, pois não existe nenhum Zeus. É o objeto esperado que conta.

Alguém poderia pensar que Paulo usou a frase “o Deus vivo” para distinguir Jeová de Zeus ou Ártemis. Isto de fato se adequaria à situação. Mas mais provavelmente ele estava reproduzindo a linguagem do Antigo Testamento, que frequentemente se refere a Deus como o Deus vivo. Veja *1Sameul* 17:26,36; *2Reis* 19:4,16; *Salmos* 42:2; 84:2; *Isaías* 37:4,17; *Jeremias* 10:10, e outros lugares.

Paulo então adiciona que Deus é o salvador de todos os homens, especialmente dos crentes. O presente comentário já considerou extensivamente o universalismo. Um ponto pode ser adicionado aqui. Se o universalismo fosse verdade, a palavra *especialmente* não faria nenhum sentido. Todos os homens chegariam igualmente ao Céu. É patente que *especialmente* indica dois tipos de salvação. Isto pode parecer estranho para os evangélicos devotos do século vinte, mas não era tão surpreendente nos dias de Paulo. No Antigo Testamento

¹ Nota do tradutor: Tradução do autor.

Deus é um salvador, não somente no sentido de salvação eterna celestial, mas também no sentido de resgatar da fome, do perigo, da derrota e morte na batalha. Em *Juízes* 6:14 Deus, através de Gideão, salvou os israelitas das mãos dos midianitas. *2Samuel* 3:18 diz que “pela mão de Davi, meu servo, salvarei o meu povo das mãos dos filisteus e das mãos de todos os seus inimigos”. No Novo Testamento, *Atos* 27:20-31 descreve a salvação de pessoas de um naufrágio.

Há outras formas de distinguir entre uma salvação aplicável a todos os tipos de homens e uma salvação restrita aos eleitos. A distinção poderia significar que Deus é o único Salvador possível: Nenhum homem pode ter outro. Ou, relacionado com isto, Deus providenciou uma salvação compatível a todos os homens. Ou o significado poderia ser restrito aos meios naturais de preservar a vida. Eu não penso que estas sugestões sejam muito plausíveis. Mas é plausível e certo que Deus é salvador em dois sentidos diferentes, o segundo sendo a salvação que ele providencia para os crentes. Se alguém pensa que as três palavras “especialmente dos crentes” é de alguma forma fraca como uma resposta para o universalismo, elas foram muito fortes para um comentarista que disse que elas “não eram de forma alguma uma adição graciosa”. Meyer toma a visão oposta: “Por ‘especialmente dos crentes’ é indicado que a vontade de Deus para a salvação é realizada somente no caso dos crentes. ‘Especialmente’ não permanece aqui de maneira inadequada...”.

Fonte: *The Pastoral Epistles*, Gordon H. Clark, Trinity Foundation, p. 57-58.

Sobre o autor: Gordon Haddon Clark (31/8/1902 – 9/4/1985), filósofo e teólogo calvinista americano, foi o primeiro defensor do conceito apologético pressuposicional e presidente do Departamento de Filosofia da Universidade de Butler durante 28 anos. Especialista em Filosofia Pré-socrática e Antiga, tornou-se conhecido pelo rigor na defesa do realismo platônico contra todas as formas de empirismo e pela afirmação de que toda a verdade é proposicional e pela aplicação das leis da lógica.

Para saber mais sobre esse gigante da fé cristã, acesse a seção biografias do site *Monergismo*